

As evoluções do clima



E' o clima immutabil, como pretendia Arago, ou obedecendo á lei que rege todas as realidades, evolue, é vir a sêr? Foi sempre, desde os primeiros ensaios da vida na superficie do plauêta, o que actualmente é, ou se-ha modificado gradualmente até assumir as feições de hoje? Nessa última hypothese, qual o termo da evolução, e si o clima virá a desaparecer em remoto futuro, arrastando em suas modificações e ruina final as modificações e morte dos organismos? Stará a terra, como sepulchro enorme, condemnada a rolar indefinidamente nas congeladas e lobregas regiões do vazio as cinzas da humanidade, depois que com o derradeiro homem se-extinguir para sempre o labor do pensamento?

Impossivel a solução d'essas questões, antes que as sciencias de observação se-houvessem enriquecido d'essa prodigiosa somma de factos de que tanto se-orgulha hoje o espirito humano, e que, no dominio da sciencia, hão feito surprehendentes revelações, derrocado preconceitos seculares e corrigido erros sanctificados pelas tradições religiosas.

O clima, em geral, é o producto de tres factores: o foco solar, a inclinação do eixo da terra sobre o plano da orbita, e a composição da atmosphera. O primeiro fornece o calor, o segundo o-distribue, o terceiro o-detem.

E' somente o sol que aquece a terra. Nem uma influencia sobre a superficie do planêta exerce mais o calor central; das observações feitas nas minas e outras excavações se-verifica que, em scala descendente para o centro, cresce o calôr na medida de um grau de trinta e dois em trinta e dois metros, sempre que circumstancias locais, de facil determinação, não perturbam essa regularidade. Nullo o calôr fornecido pelos astros dissimulados no espaço atravez do qual o sol, em sua marcha ascencional e vertiginosa, arriva a terra, na direcção do alpha da constellação de Hercules; apenas bastante para obstar que, si de repente se-viesse apagar aquelle grande foco, abaixo de zero caísse a temperatura no equador terrestre.

E' em roda do plano do equador solar que descreve a terra a grande curva de sua revolução, com o eixo inclinado em uma grandeza angular de $23^{\circ} 30'$ sobre o plano da orbita. Em consequencia da grande distancia que a-separa do sol, caem os raios d'este astro, em feixe cylindrico, perpendicularmente á zona comprehendida entre os dous tropicos, obliquamente dos tropicos aos circulos polares e quasi que tangencialmente dos circulos polares aos polos, de sorte que, eliminados os elementos modificadores que offerceam os accidentes da crosta terrestre, seriam rigorosamente parallellas as linhas isothermicas, e o conhecimento da latitude de um logar involveria necessariamente o do seu clima. A distribuição alternada da luz e de sombra, perfeitamente egual sob a linha equinocial, se-vae desequilibrando á medida que o observador se-dirige para os tropicos, e passados estas, o sol, não attingindo mais ão zenith, começa a se-afastar mais da vertical, a descrever circulo, de diâmetros decrescentes, até que, além dos circulos polares, desaparece inteiramente durante o hibernos e demora sempre, frouxo, sem calôr, no horizonte, durante o verão, determinando assim um dia estival de seis mezes e uma noite hiberna de egual tamanho. E' esse factor o que concorre para a desigual distribuição de calor e de luz pelas superficie da terra e para

imprimir ás grandes zonas terrestres sua physionomia climatica peculiar, que principalmente se accentúa na feição geral das manifestações da vida. A zona tropical se-kharacteriza pela riqueza da flora e do tapête vegetal, pelo desenvolvimento e belleza das formas e prodigiosa variedade dos typos, desde os mais humildes e delicados até os mais gigantescos e rudes, desde o protococcus cellular e da nossa *mimosa pudica* até ás sequoias giganteadas, ás andansonias milenarias, e os cactos aphyllous e aculeados. Enriquescem-lhe o tapete vegetal as palmeiras, as musaceas, os fetos arboreascentes e as orchydeas epiphytas de formas e flores singulares. Passados os limites das zonas tropical, o tapête vegetal é ainda rico, mas a flora se-emprobresce; escaceam as familias e as species; começa o dominio das cupuliferas, das coniferas, que dão um aspecto uniforme e monotono ás regiões temperadas. Na zona glacial rareia a vegetação arboreascente; as species são ainda menos variadas, as formas se-vão acanhando até attingirem aos likhons, derradeiro suspiro da vegetação que morre sob as altas latitudes polares.

Entretanto essas diversas physionomias vegetaes determinadas pela inclinação do eixo da terra sobre o plano da orbita, pode apresentar uma mesma região tropical. Na altura de dois mil metros, a temperatura média do Hymalaia é egual á da Europa central; a rica flora tropical que o-cinge até a altura de mil metros tem desaparecido para dar espaço á flora das regiões temperadas; essa por sua vez, á medida que se-afasta do solo, rareia e vae sendo substituida por uma flora polar, de sorte que na altura de cinco mil e oito centos metros, desaparecem os ultimos vestigios da vida, começa o dominio das neves eternas, da natureza morta, e o clima altitudinario apresenta effeitos analogos aos do clima longitudinal. Effeitos analagos e não identicos, por que devidos a causas diversas; os d'aquelle, á rarefacção da athmosphera; os d'este, á fraquêza dos raios solares.

E' aqui que se-manifesta a acção da composição da athmosphera. Pela densidade diversa de suas camadas

obsta a sphaera de gases que envolve a terra que esta se-aqueça rapidamente durante o dia, gradúa com o tempo a distribuição de calor e o-detem de modo a obstar um grande e rapido resfriamento durante a noite.

Si se-modificasse profundamente um dos grandes factores do clima, a inclinação do eixo, unico que seria possivel sem a extincção da vida, muito diversa fôra tambem a physionomia biologica da terra. Si não inclinado, mas perpendicular ao plano da orbita, como o de Jupiter, se-modificariam profundamente essas grandes differenças do clima. Os dias e as noites foram eguaes em toda parte; a região equatorial continuaria a receber a mesma quantidade de calor que actualmente recebe, nas regiões medias dominaria uma temperatura doce inalteravel, sem extremos de frio nem de calor, primavera eterna, e a permanencia da luz solar nas regiões polares obstaria a formação das geleiras. Situação muito differente, si o eixo fosse dirigido parallelamente ao plano da orbita. Os circulos polares se-confundiriam com o equador e os tropicos com o polo: os dons hemispheros gozariam alternadamente de climas extremos: verões abrasadôres e hibernos congelados e trevosos. E' essa quasi a situação de Mercurio.

Nem uma, porem, d'essas hypotheses cosmicas se-ha de realizar; o eixo da terra, sempre parallello a si mesmo, é immutabil. Entretanto já houve tempo em que a terra gozou de um clima uniforme do equador aos polos.

E' um facto que a paleontologia vegetal tem posto fora de duvida: nos tempos primarios, até meiado dos tempos secundarios, um calor tropical mantiha a vida ás mesmas specios vegetaes, assim debaixo da linha equinocial como nas altas latitudes articas; um clima, morno, sim, porem uniforme, dominava sobre toda a superficie da terra, não permittindo a formação de zonas biologicas distinctas. E' ao declinar dos tempos secundarios que começa a s-eacanhhar a zona tropical; a differença se-manifesta nas regiões articas, onde se-forma um clima mais temperado que determina a emigração das speeis até então dominantes e o apparecimento de

novas essencias. Circumscreve hoje a zona polar uma linha flexuosa, irregular, que raramente coincide com o circulo polar, e que passa por todos os pontos cujos hiversos, bastante frios ou prolongados, annullam o calor estival e baixam a 0.º a media da temperatura. Mais irregular ainda é a linha que limita a vegetação arborescente; inflecte-se profundamente para o lado dos tropicos no hemispherio occidental e para o lado do polo no hemispherio oriental; na America chega até 57.º de latitude. Alem d'essa fronteira vegetal, desaparecem as familias de representação arborescente; a ausencia do calor estival não permite a formação do lenhoso. A Groelandia aos 70.º de lat. fornece á paleontologia vegetal documentos preciosos: grandes jazidas de restos vegetaes em tal estado de conservação, com folhas, flôres, fructo, insectos, que nem uma duvida é permittida acerca de sua procedencia: são realmente ruínas de uma grande floresta artica em que dominavam os alamos, as sequoias, os carvalhos, as nogueiras, as magnolias etc., essencias que, sem essas inesperadas revelações, jamais se-diria que floresceram em uma região em que até mesmo a vegetação herbacea é condemnada a rude combate pela vida.

Os fosséis vegetaes, encontrados em diversos pontos das regiões polares, e com os mesmos kharacteres de segurança acerca da procedencia, provam que vastas florestas se-extendiam até aos 80.º de latitude. Mas continuou a evolução do Sêr; escoaram-se os seculos, aos milhares, sem que o pensamento se-tivesse ainda manifestado sobre o planêta. O frio que invadiu as regiões articas ao declinar dos tempos secundarios, não se-recolheu mais, e, ao contrario, continuou sua marcha lenta e progressiva. No meiado dos tempos terciários era ainda tropical a flora das regiões hoje temperadas, as palmeiras vegetavam ainda até á latitude de 60.º e ao começar dos tempos quaternarios, antes que as geleiras actuaes tomassem a enorme extensão que kharacteriza-o periodo glaciario, o elephas antiquus e a hyena do Cabo viviam ainda na Europa, em cujos rios, muito maiores

do que os de hoje, se-abrigava o hyppopotamo. Quando, com a retirada das geleiras, se-fecharam os tempos quaternarios, e começou o periodo actual, que se-kharacteriza pelo grande desenvolvimento da humanidade e pelas ricas e variadas manifestações do pensamento, apresentava o globo foicões biologicas muito diversas. A zona glacial, circumscripita ao polo, crescera, com o espaço perdido pela zona temperada, e esta com o que perdera a zona tropical. As essencias que no paleoceno vegetavam nas regiões articas se foram successivamente emigrando para latitudes mais baixas, e a Europa perden para sempre a fauna e a flora que enriquecem hoje a larga secção limitada pelos tropicos de cancer e de capricornio.

Todos esses phenomenos acham sua explicação nas evoluções do clima. A uniformidade inicial foi alterada por differenciações lentas, porem progressivas e cada vez mais accentuadas. Pergunta-se agora: a evolução terá chegado ao seo termo? A terra offerecerá sempre, d'ora em diante, condições de habitabilidade aos seres que actualmente a-povoam?

Para responder a essa angustiosa interrogação cumpre examinar a causa efficiente dos phenomenos que produziram a differença dos climas. Não faltaram hypotheses, houve-as em excesso; tinham o simples inconveniente de não starem de accordo com os factos. O que kharacteriza o phenomeno paleothernico não é o excesso, é a uniformidade por todo o globo. A diversa destribuição das agnas e das terras, a pequena extensão dos continentes, reduzidos a dimensões de grandes ilhas, é insufficiente para a explicação do phenomeno. Sem duvida, o mar é um eiemento moderador; um clima maritimo é sempre menos excessivo que um clima continental. Moscow, na latitude de Edimburgo, soffre um calor de 35.° e um frio de—40.°; a capital da Escossia, soffre um calor de 25.°, e um frio de—10°. Mas, qualquer que fosse a destribuição das terras e das agnas, emittindo o sol a mesma quantidade de calôr, destribuido desigualmente em virtude da inclinação do eixo da terra, era impos-

sível que não hovesse uma zona quente, uma temperada e outra fria. A verticabilidade dos raios solares havia de se-ir perdendo á medida que se-distanciassem do equador para se-aproximarem dos polos. Insuficientes, por tanto, são as causas puramente geographicas. Ter-se-hia modificado a posição da terra? A immutabilidade do eixo, sempre parallelo a si mesmo, é um facto revelado á sciencia pela paleontologia vegetal. Accresce ainda que um deslocamento dos polos nunca determinaria a uniformidade paleothermal e as lentas e progressivas differenciações.

Tambem não pode acceitar-se a supposta irradiação do calor terrestre, attento a pouca espessura da crosta, porque se-encontra com os factus. Os coraes só vivem hoje em regiões cuja temperatura media não desce de 20.º—; viveram outr'ora em regiões cuja temperatura media é actualmente de—20.º Ora para que essas offerecessem aos coraes condições de vida, era preciso que a irradiação do calor terrestre lhes-desse um accrescimo de calor de 40.º,—accrescimo que determinaria a extincção de todos os organismos na zona equinocial. Accresce ainda que, segundo o calculo de G. Darwin, depois de dez mil annos da formação da primeira crosta, a irradiação do calor central seria sem effeito na temperatura exterior. Não se-despe a Irlanda de seu manto de neves apesar de muito proximos da superficie do solo os seus fogos subterraneos.

O sabio professor de Zurich, Osw Heer, admittiu a hypothese de que a terra, arrastada pelo sol em seu movimento ascencional, atravessa espaços stellares desegualmente aquecidos, e d'ahi periodos successivos de calor e de frio. Hypothese muito acceitavel si os phenomenos observados admittessem essa intermitencia de calor e de frio polar e diminuição da zona tropical. Não se-tracta, porem, de uma acção periodica, sinão continua.

Em consequencia da precessão dos equinócios se-desloca lenta e periodicamente o grande eixo da orbita terrestre, determinando consideravel differença na extensão das stagões. Move cerca de vinte e um mil annos

o cyclo d'esse deslocamento. As estações frias, no hemispherio austral, attingiram em 1248 sua maxima extensão; actualmente tem um excesso de poucos dias sobre as estações quentes, excesso que irá diminuindo até o anno 6498, tempo em que serão eguaes; d'ahi em diante começarão a crescer as estações quentes, a diminuir as frias, até o anno de 11748. E' nesses factos que se funda a theoria de que o gelo, se-accumulando ora em-um, ora em outro polo, perturbaria o equilibrio e deslocara o centro de gravidade do globo. Si a theoria fosse verdadeira os factos observados, em vez de nos-revelarem pela uniformidade das feições biologicas de toda a terra, uniformidade de clima, revelar-nos-ia profundas differenças por essa periodicidade de vida e de morte nos extremos do globo. As terras do hemispherio austral stariam agora cobertas de gelo, e quasi seccas as do hemispherio boreal. Nada d'isso se verifica; continuidade do phenomeno, e não periodicidade.

Si, pois, nem os accidentes da crosta da terra, nem sua posição no espaço nos dão a explicação do phenomeno da evolução do clima, releva procural-a no primeiro factor, no proprio sol.

E' sabido que o sol foi outr'ora uma nebulosa cujo diametro apparente attingia a orbita dos mais distantes planetas. Foi essa grande nebulosa reduzindo o volume, quer em consequencia de perdas successivas de segmentos da massa, que se foram convertendo em outros tantos planetas, quer em consequencia da propria condensação. Ao tempo em que a vida ensaiou os primeiros typos na superficie da terra, já a nebulosa passara ao stado stellar, mas grande ainda o seu diametro apparente. Supponha-se que era de 40"; visto da terra era enorme e occuparia mais de um quarto do horizonte. A parte escura da terra se-reduziria a um simples segmento spherico, supprimidas, com o effeito das latitudes, as longas noite polares e a zona torrida se-estenderia alem dos circulos polares. Nem mais energica seria a luz solar; porque o foco menos concentrado emittiria a luz mais calma, calor menos ardente. E' provavel mesmo

que da nebulosa primitiva existissem ainda resquícios, desaparecidos inteiramente na stella actual.

Continúa, porém, a condensação do sol, largas manchas que apparecerão em sua superfície se transformarão em crosta. Antes d'essa extinção final, o calor e a luz irão diminuindo progressivamente ; a vida acanhará sempre mais a sphaera de suas manifestações, na direcção do equador. A zona glacial transporá os tropicos, determinando a extinção e a transmigração dos organismos para a zona equinocial. A humanidade, exaustas suas energias evolutivas, se-aquescerá, envelhecida, debaixo do equador nos dous hemispherios, aos raios de um sol pallido e sem calor, que afinal se apagará no espaço, deixando a terra alumada somente da luz sideral.

J. Catunda.